

O segundo capítulo deste livro trata do roteiro de um projeto de pesquisa. Cada uma das partes da pesquisa é detalhada em capítulos específicos. Anexa, é feita a apresentação esquemática das etapas e dos principais erros cometidos nas pesquisas.

CONTRANDIOPOULOS, André-Pierre et al. *Saber preparar uma pesquisa: definição, estrutura e financiamento*. Rio de Janeiro: Hucitec: Abrasco, 1994.

Esse livro foi elaborado com o propósito explícito de esclarecer as etapas pelas quais deve passar um pesquisador para elaborar um projeto de pesquisa convincente e realizável. Seu conteúdo envolve tanto as indicações do que deve conter um projeto de pesquisa quanto as noções elementares de metodologia necessárias a sua preparação.

Exercícios e trabalhos práticos

1. Indique a relevância teórica e prática de uma pesquisa que tenha por objetivo investigar a predisposição que as pessoas possam ter para sofrer acidentes no trabalho.
2. Analise em que medida as atitudes enunciadas abaixo podem ser prejudiciais ao desenvolvimento de pesquisas científicas:
 - dogmatismo;
 - desinteresse por problemas sociais;
 - impaciência.
3. Localize um relatório de pesquisa e identifique as fases seguidas em seu desenvolvimento.
4. Estima-se que cerca de 95% das verbas destinadas à pesquisa nos países desenvolvidos são aplicadas no campo das ciências naturais. Analise as implicações sociais dessa situação.
5. Procure exemplos de pesquisas que possam ser classificadas como puras ou aplicadas.

2

Como Formular um Problema de Pesquisa?



2.1 O que é mesmo um problema?

Conforme já foi assinalado, toda pesquisa se inicia com algum tipo de problema, ou indagação. Todavia, a conceituação adequada de problema de pesquisa não constitui tarefa fácil, em virtude das diferentes acepções que envolvem este termo.

O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa indica os seguintes significados de *problema*:

1. Assunto controverso, ainda não satisfatoriamente respondido em qualquer campo do conhecimento, e que pode ser objeto de pesquisas científicas ou discussões acadêmicas.
2. Obstáculo, contratempo, dificuldade que desafia a capacidade de solucionar de alguém.
3. Situação difícil; conflito.
4. Mau funcionamento crônico de alguma coisa que acarreta transtornos, pobreza, miséria, desgraças etc., e que exigiria grande esforço e determinação para ser solucionado.
5. Distúrbio, disfunção orgânica ou psíquica.
6. Pessoa, coisa ou situação incômoda, fora de controle etc.
7. Questão levantada para inquirição, consideração, discussão ou solução.

A primeira acepção é a que será considerada ao longo deste livro, pois é a que mais apropriadamente caracteriza o problema de pesquisa científica.

Fica claro que nem todo problema é passível de tratamento científico. Isso significa que para se realizar uma pesquisa é necessário, em primeiro lugar, verificar se o problema cogitado se enquadra na categoria de científico.

Como fazer isso?

Para um dos mais respeitados autores no campo da metodologia das ciências sociais, a maneira mais prática para entender o que é um problema científico consiste em considerar primeiramente aquilo que não é (KERLINGER, 1980). Sejam os exemplos:

“Como fazer para melhorar os transportes urbanos?” “O que pode ser feito para melhorar a distribuição de renda?” “Como aumentar a produtividade no trabalho?” Nenhum destes constitui rigorosamente um problema científico, pois, sob a forma em que são propostos, não possibilitam a investigação segundo os métodos próprios da ciência.

Estes problemas são designados por Kerlinger como problemas de “engenharia”, pois referem-se a como fazer algo de maneira eficiente. A ciência pode fornecer sugestões e inferência acerca de possíveis respostas, mas não responder diretamente a esses problemas. Eles não indagam como são as coisas, suas causas e consequências, mas indagam acerca de como fazer as coisas.

Também não são científicos estes problemas: “Qual a melhor técnica psicoterápica?” “É bom adotar jogos e simulações como técnicas didáticas?” “Os pais devem dar palmadas nos filhos?” São antes problemas de valor, assim como todos aqueles que indagam se uma coisa é boa, má, desejável, indesejável, certa ou errada, ou se é melhor ou pior que outra. São igualmente problemas de valor aqueles que indagam se algo deve ou deveria ser feito.

Embora não se possa afirmar que o cientista nada tenha a ver com esses problemas, o certo é que a pesquisa científica não pode dar respostas a questões de “engenharia” e de valor, porque sua correção ou incorreção não é passível de verificação empírica.

Com base nessas considerações, pode-se dizer que um problema é de natureza científica quando envolve proposições que podem ser testadas mediante verificação empírica. Sejam os exemplos: “Em que medida a escolaridade influencia na preferência político-partidária?”, “A desnutrição contribui para o rebaixamento intelectual?”, “A modalidade predominante de liderança tem a ver com a cultura organizacional?”. Estes são problemas que envolvem variáveis suscetíveis de observação. É possível, por exemplo, identificar a preferência político-partidária dos integrantes de um grupo social, bem como seu nível de escolaridade para depois verificar em que medida estes fatores estão relacionados entre si.

2.2 Por que formular um problema?

Como já foi visto no capítulo anterior, o problema de pesquisa pode ser determinado por razões de ordem prática ou de ordem intelectual. Inúmeras razões

de ordem prática podem conduzir à formulação de problemas. Pode-se formular um problema cuja resposta seja importante para subsidiar determinada ação. Por exemplo, um candidato a cargo eletivo pode estar interessado em verificar como se distribuem seus potenciais eleitores com vistas a orientar sua campanha. Da mesma forma, uma empresa pode estar interessada em conhecer o perfil do consumidor de seus produtos para decidir acerca da propaganda a ser feita.

Podem-se formular problemas voltados para a avaliação de certas ações ou programas, como, por exemplo, os efeitos de determinado anúncio pela televisão ou os efeitos de um programa governamental na recuperação de alcoólatras.

Também é possível formular problemas referentes às consequências de várias alternativas possíveis. Por exemplo, uma organização poderia estar interessada em verificar que sistema de avaliação de desempenho seria o mais adequado para seu pessoal.

Outra categoria de problemas decorrentes de interesses práticos refere-se à predição de acontecimentos, com vistas a planejar uma ação adequada. Por exemplo, a prefeitura de uma cidade pode estar interessada em verificar em que medida a construção de uma via elevada poderá provocar a deterioração da respectiva área urbana.

É possível, ainda, considerar como interesses práticos, embora mais próximos dos interesses intelectuais, aqueles referentes a muitas pesquisas desenvolvidas no âmbito dos cursos universitários de graduação. É frequente professores sugerirem aos alunos a formulação de problemas com o objetivo de treiná-los na elaboração de projetos de pesquisa.

Também são inúmeras as razões de ordem intelectual que conduzem à formulação de problemas de pesquisa. Pode ocorrer que um pesquisador tenha interesse na exploração de um objeto pouco conhecido. Por exemplo, quando Freud iniciou seus estudos sobre o inconsciente, este constituía uma área praticamente inexplorada.

Um pesquisador pode interessar-se por áreas já exploradas, com o objetivo de determinar com maior especificidade as condições em que certos fenômenos ocorrem ou como podem ser influenciados por outros. Por exemplo, pode-se estar interessado em verificar em que medida fatores não econômicos agem como motivadores no trabalho. Várias pesquisas já foram realizadas sobre o assunto (HERZBERG, 1966), mas pode haver interesse em verificar variações nesta generalização. Pode-se indagar, por exemplo, se fatores culturais não interferem, intensificando ou enfraquecendo as relações entre aqueles dois fatores.

Pode ocorrer que um pesquisador deseje testar uma teoria específica. Como fez, por exemplo, Wardle (1961) com a teoria da carência materna de Bowlby (1951). Este pesquisador estudou crianças que frequentavam uma clínica de orientação infantil e constatou que os que furtavam, ou apresentavam outros com-

portamentos antissociais, provinham, com frequência significativa, de lares desfeitos, apresentavam incidência mais elevada de separação da mãe e com maior frequência tinham pais que provinham também de lares desfeitos.

Pode, ainda, um pesquisador interessar-se apenas pela descrição de determinado fenômeno. Como, por exemplo, verificar as características socioeconômicas de uma população ou traçar o perfil do adepto de determinada religião.

Os interesses pela escolha de problemas de pesquisa são determinados por diversos fatores. Os mais importantes são: os valores sociais do pesquisador e os incentivos sociais. Um exemplo do primeiro fator está no pesquisador que é contrário à segregação racial e por isso mesmo vê-se inclinado a investigar sobre esse assunto. Um exemplo do segundo está nos incentivos monetários que são conferidos à investigação sobre comunicação de massa, propiciando o desenvolvimento de grande número de pesquisas, assim como a sofisticação das técnicas empregadas.

2.3 Como formular um problema?

2.3.1 Complexidade da questão

Formular um problema científico não constitui tarefa fácil. Pode-se dizer que implica o exercício de certa capacidade que não é muito comum nos seres humanos. Todavia, não há como deixar de reconhecer que o treinamento desempenha papel fundamental nesse processo.

Por se vincular estreitamente ao processo criativo, a formulação de problemas não se faz mediante a observação de procedimentos rígidos e sistemáticos. No entanto, existem algumas condições que facilitam essa tarefa, tais como: imersão sistemática no objeto, estudo da literatura existente e discussão com pessoas que acumulam muita experiência prática no campo de estudo (SELLTIZ, 1967).

A experiência acumulada dos pesquisadores possibilita ainda o desenvolvimento de certas regras práticas para a formulação de problemas científicos, tais como: (a) o problema deve ser formulado como pergunta; (b) o problema deve ser claro e preciso; (c) o problema deve ser empírico; (d) o problema deve ser suscetível de solução; e (e) o problema deve ser delimitado a uma dimensão viável. Essas regras serão detalhadas adiante.

Com muita frequência, problemas propostos não se ajustam a essas regras. Isso não significa, porém, que o problema deva ser afastado. Muitas vezes, o melhor será proceder a sua reformulação ou esclarecimento, o que poderá mesmo exigir a realização de um estudo exploratório (que será objeto de atenção específica no Capítulo 4).

2.3.2 O problema deve ser formulado como pergunta

Esta é a maneira mais fácil e direta de formular um problema. Além disso, facilita sua identificação por parte de quem consulta o projeto ou o relatório da pesquisa. Seja o exemplo de uma pesquisa sobre o divórcio. Se alguém disser que vai pesquisar o problema do divórcio, pouco estará dizendo. Mas se propuser: “que fatores provocam o divórcio?” ou “quais as características da pessoa que se divorcia?”, estará efetivamente propondo problemas de pesquisa.

Este cuidado é muito importante sobretudo nas pesquisas acadêmicas. De modo geral, o estudante inicia o processo da pesquisa pela escolha de um tema, que por si só não constitui um problema. Mas, ao formular perguntas sobre o tema, passa a problematizá-lo, gerando, então, um ou mais problemas.

2.3.3 O problema deve ser claro e preciso

Um problema não pode ser solucionado se não for apresentado de maneira clara e precisa. Com frequência, são apresentados problemas tão desestruturados e formulados de maneira tão vaga que não é possível imaginar nem mesmo como começar a resolvê-los. Por exemplo, um iniciante em pesquisa poderia indagar: “Como funciona a mente?” etc. Esses problemas não podem ser propostos para pesquisa, porque não está claro a que se referem.

É pouco provável que pessoas com algum conhecimento de metodologia proponham problemas desse tipo. Nessa eventualidade, porém, deve-se reformular o problema de forma a ser respondível. Talvez se possa reformular a pergunta “Como funciona a mente?” para “Que mecanismos psicológicos podem ser identificados no processo de memorização?” Claro que esta é uma das muitas reformulações que podem ser feitas à pergunta original. Nada garante que corresponda exatamente à intenção de quem a formulou. Essa certeza só poderá ser obtida após alguma discussão.

Pode ocorrer também que algumas formulações apresentem termos definidos de forma não adequada, o que torna o problema carente de clareza. Seja, por exemplo, a pergunta: “Os cavalos possuem inteligência?” A resposta a essa questão depende de como se define inteligência.

Muitos problemas desse tipo não são solucionáveis porque são apresentados numa terminologia retirada da linguagem cotidiana. Muitos termos utilizados no dia a dia são bastante ambíguos. Tome-se o exemplo de um problema que envolva o termo *organização*. Só poderia ser adequadamente colocado depois que aquele termo tivesse sido definido de forma rigorosamente não ambígua.

Um artifício bastante útil consiste em definir operacionalmente o conceito. A definição operacional é aquela que indica como o fenômeno é medido. Nas ciências físicas e biológicas, a definição operacional tende a ser bastante simples,

pois geralmente se dispõe de instrumentos precisos de medida. Por exemplo, o termo *temperatura* pode ser definido como “aquilo que o termômetro mede”. Nas ciências humanas, todavia, as definições operacionais nem sempre são satisfatórias. Por exemplo, em algumas pesquisas, define-se como católica a pessoa que se declara como tal. Daí poderão surgir intermináveis discussões. Entretanto, não há como negar que tal definição confere precisão ao conceito. Qualquer pessoa que busque informar-se acerca da pesquisa logo saberá qual o significado que é atribuído ao termo. O mesmo não ocorreria se a determinação da religião do pesquisado ficasse por conta de considerações subjetivas do pesquisador.

É necessário considerar, no entanto, que este critério pode não se adequar a algumas modalidades de pesquisa, como, por exemplo, as que são desenvolvidas sob o enfoque fenomenológico ou da *grounded theory*. Nesses casos, as pesquisas geralmente se iniciam com um problema formulado de maneira genérica e que vai se especificando ao longo do processo de pesquisa.

2.3.4 O problema deve ser empírico

Foi visto que os problemas científicos não devem referir-se a valores. Não será fácil, por exemplo, investigar se “filhos de camponeses são melhores que filhos de operários” ou se “a mulher deve realizar estudos universitários”. Estes problemas conduzem inevitavelmente a julgamentos morais e, conseqüentemente, a considerações subjetivas, invalidando os propósitos da investigação científica, que tem a objetividade como uma das mais importantes características.

É verdade que as ciências interessam-se também pelo estudo dos valores. Todavia, estes devem ser estudados objetivamente, como fatos, ou como “coisas”, segundo a orientação de Durkheim. Por exemplo, a formulação de determinado problema poderá fazer referência a *maus professores*. Essa expressão indica valor, mas o pesquisador poderá estar interessado em pesquisar professores que seguem práticas autoritárias, não preparam suas aulas ou adotam critérios arbitrários de avaliação. Trata-se, portanto, de transformar as noções iniciais em outras mais úteis, que se refiram diretamente a fatos empíricos e não a percepções pessoais.

Embora o pesquisador deva procurar a objetividade, é importante reconhecer que o processo de construção do conhecimento não é neutro. Não há como eliminar completamente a subjetividade do pesquisador. Isto é particularmente verdadeiro no campo das ciências sociais, onde o pesquisador se propõe a estudar uma realidade da qual ele mesmo faz parte.

2.3.5 O problema deve ser suscetível de solução

Um problema pode ser claro, preciso e referir-se a conceitos empíricos, porém não se tem ideia de como seria possível coletar os dados necessários a sua re-

solução. Seja o exemplo: “ligando-se o nervo óptico às áreas auditivas do cérebro, as visões serão sentidas auditivamente?” Essa pergunta só poderá ser respondida quando a tecnologia neurofisiológica progredir a ponto de possibilitar a obtenção de dados relevantes.

Assim, ao formular um problema, o pesquisador precisa certificar-se de que existe tecnologia adequada para sua solução. Quando não existe, recomenda-se prioritariamente a construção de instrumentos capazes de proporcionar a investigação do problema. É o que se denomina pesquisa metodológica.

2.3.6 O problema deve ser delimitado a uma dimensão viável

Em muitas pesquisas, sobretudo nas acadêmicas, o problema tende a ser formulado em termos muito amplos, requerendo algum tipo de delimitação. Por exemplo, alguém poderia formular o problema: “em que pensam os jovens?” Seria necessário delimitar a população dos jovens a serem pesquisados mediante a especificação da faixa etária, da localidade abrangida etc. Seria necessário, ainda, delimitar “o que pensam”, já que isto envolve múltiplos aspectos, tais como: percepção acerca dos problemas mundiais, atitude em relação à religião etc.

A delimitação do problema guarda estreita relação com os meios disponíveis para investigação. Por exemplo, um pesquisador poderia ter interesse em pesquisar a atitude dos jovens em relação à religião. Mas não poderá investigar tudo o que todos os jovens pensam acerca de todas as religiões. Talvez sua pesquisa tenha de se restringir à investigação sobre o que os jovens de determinada cidade pensam a respeito de alguns aspectos de uma religião específica.

2.4 Como definir objetivos

O problema também pode ser apresentado sob a forma de objetivos, o que representa um passo importante para a operacionalização da pesquisa e para esclarecer acerca dos resultados esperados. Por essa razão é que as agências de financiamento exigem na apresentação dos projetos a especificação dos objetivos da pesquisa.

Para definir de maneira adequada os objetivos, é necessário que o problema apresente as características consideradas nas seções anteriores. Considere-se, então, o problema: *Que barreiras sociais dificultam a participação da mulher no mercado de trabalho?*

Trata-se de um problema formulado com clareza e objetividade. Mas para prosseguir na pesquisa é necessário que se torne mais específico e que seja delimitado a uma dimensão viável. É preciso, pois, determinar o universo abrangido pelo estudo. Refere-se ao país como um todo ou a uma região específica?

Abrange todos os setores econômicos ou apenas um segmento? Envolve todos os níveis hierárquicos, ou se limita a um deles? Também é preciso definir o período a que se refere o estudo. Assim, o problema proposto poderia ser redefinido da seguinte forma: *Com que barreiras sociais se deparam as mulheres para ascender a funções gerenciais no setor bancário no Estado de Minas Gerais na segunda década do século XXI?*

Esse problema poderia ser apresentado sob a forma de objetivos:

- Verificar o nível de participação das mulheres em funções gerenciais no setor bancário do Estado de Minas Gerais na segunda década do século XXI.
- Identificar barreiras sociais à ascensão de mulheres a funções gerenciais nesse setor.
- Verificar a existência de relação entre a participação de mulheres em funções gerenciais e características das instituições bancárias que as empregam.

Estes objetivos poderiam ainda ser mais especificados, mediante análise mais aprofundada do problema. Poderia até mesmo conduzir à definição de um objetivo geral e alguns objetivos específicos. Mas é importante considerar que esses objetivos, para que sejam claros e precisos, devem se iniciar com verbos que não possibilitam muitas interpretações, como, por exemplo: *identificar, verificar, descrever e avaliar*. Verbos como *pesquisar, entender e conhecer* não são adequados, pois não conferem clareza e precisão aos objetivos.

Leituras recomendadas

BEAUD, Michel. *Arte da tese*: como preparar e redigir uma tese de mestrado, uma monografia ou qualquer outro trabalho universitário. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

Este livro, elaborado sob a forma de um manual de pesquisa, dedica seus primeiros capítulos a algumas questões cruciais para as pessoas envolvidas na elaboração de teses e monografias: como escolher um bom assunto e um bom orientador?

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. *A construção do saber*: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

A segunda parte desse livro é dedicada ao trajeto científico que se inicia com a escolha do problema até a formulação das hipóteses. O texto auxilia na escolha de “bons” problemas e “boas” perguntas.

Exercícios e trabalhos práticos

1. Classifique os problemas a seguir segundo: problemas científicos (C), de valor (V) ou de “engenharia” (E):
 - a) O que determina o interesse dos psicólogos brasileiros pela orientação psicanalítica? ()
 - b) Que fatores estão associados à intenção de voto em candidatos conservadores? ()
 - c) Qual a melhor técnica psicoterápica? ()
 - d) Qual o procedimento mais prático para o armazenamento de milho em pequenas propriedades rurais? ()
 - e) É lícito fazer experiências com seres humanos? ()
2. Verifique se os problemas abaixo estão formulados de acordo com as normas apresentadas neste capítulo.
 - a) “Qual a preferência político-partidária dos habitantes da cidade de Belo Horizonte?”
 - b) “Como são os habitantes da Europa?”
 - c) “As donas-de-casa de classe média baixa preferem fazer suas compras em feiras livres, pois os preços são mais acessíveis.”
 - d) “Como se comportam os ratos após intenso período de privação?”
 - e) “Como evoluiu o nível de emprego na construção civil nos últimos dez anos?”
3. Dê exemplos de problemas elaborados para atingir os seguintes propósitos:
 - a) Predição de acontecimentos.
 - b) Análise das consequências de alternativas diversas.
 - c) Avaliação de programas.
 - d) Exploração de um objeto pouco conhecido.
4. Com base no tema “preconceito racial”, formule um problema sociológico, um psicológico e um econômico.

Antonio Carlos Gil

Como Elaborar Projetos de Pesquisa



5ª Edição

SÃO PAULO
EDITORA ATLAS S.A. - 2010